



# Mariana, a cidade da poesia.

Mariana, a cidade da poesia

Não há qualquer exagero, caro leitor, em chamar Mariana de Cidade da Poesia no ano de comemoração dos 300 anos de nascimento de Frei Santa Rita Durão. Ele nasceu em 1722, no Inficionado ou Cata Preta, hoje distrito de Santa Rita Durão, dois anos depois da criação da Capitania de Minas Gerais, e veio a ser o autor da primeira epopeia brasileira – Caramuru, composta em dez cantos, totalizando 6.672 versos decassílabos, obra também precursora do indianismo brasileiro. O poema épico narra o descobrimento da Bahia, a partir de um fato verídico, do naufrago Diogo Álvares Correa, o Caramuru, que se torna líder da tribo Tupinambá, ao longo da costa da Bahia, tendo um romance com Paraguaçu, para a ira de Moema, que morre tentando seguir a embarcação que zarpava rumo a Portugal.

Nasceu 7 anos depois, na Fazenda de Vargem, hoje subdistrito de Vargem, embrenhado para além do Rio Gualaxo do Sul, caminho de Guarapiranga, na região sul do território da então Vila do Ribeirão do Carmo, hoje Mariana, o poeta Cláudio Manuel da Costa, expoente da poesia árcade brasileira e ativo participante da Conjuração (ou Inconfidência) de Minas. A obra poética de Cláudio Manuel é vasta, com destaque a centenas de sonetos e poemas em louvores à terra natal – Fábula do Ribeirão do Carmo e o poema Vila Rica. Na poesia Inconfidente destaca-se o Parnaso Obsequioso.

Como se vê, a poesia de Mariana nasce num abraço a esta cidade. Frei Santa Rita Durão nascido no extremo norte do município e Cláudio Manuel no extremo sul. Por certo esse abraço traça o destino da fortuna poética que brota em Mariana ao longo de sua história.

Na segunda metade do século XIX (1870) nasce em Ouro Preto Alphonsus de Guimaraens, que se estabelece em Mariana, onde produz sua obra poética, tornando-se expoente do simbolismo brasileiro. Em 1871 nasce em Mariana o padre e poeta parnasiano e simbolista José Severiano de Rezende, grande estudioso da poesia clássica e produtor de versos de acurado rigor métrico e estético, deixando como legado uma vasta obra poética. Esses dois poetas colocam Mariana no panteão da poesia simbolista, e consolidam a vocação poética derivada do abraço a Mariana dado por Frei Santa Rita e Cláudio Manuel.

Ao longo do século XX, no caminho pavimentado pelos simbolistas, Mariana viu se destacar Dom Silvério Gomes Pimenta, primeiro arcebispo de Mariana, eleito para a Academia Brasileira de Letras em outubro de 1919, em razão de sua obra literária, com destaque à poesia elogiosa em latim. Em 1918 nasceu em Mariana o poeta Alphonsus Guimaraens Filho que, embora tivesse clara influência simbolista nas primeiras publicações, torna-se poeta autônomo e de experimentações modernistas e vanguardistas, deixando vasta contribuição à poesia brasileira.

A virada do milênio marca o nascimento do destacado Movimento Aldravista, com a criação do Jornal Aldrava Cultural em outubro de 2000. Desse nascimento destacam-se os poetas Gabriel Bicalho, criador do movimento e do Jornal Aldrava Cultural; Lázaro Francisco da Silva, J. S. Ferreira, Andreia Donadon Leal, J. B. Donadon-Leal, Hebe Rôla, Geraldo Reis e Luiz Tyller Pirola. Gabriel Bicalho é não só o fundador de um jornal literário, mas é um estudioso incansável da poesia, sendo proficiente em diversas formas, com destaque à trova, ao soneto, à poesia práxis e visual, tendo sido vencedor de conceituados prêmios literários. Andreia Donadon Leal se destaca também na prosa, nas crônicas e nos contos, além de sua incursão premiada nas artes visuais. Na poesia foi a provocadora do grupo para a criação da Aldravia e a criadora desse neologismo. J. B. Donadon-Leal aproveita a melodia poética para produzir composições musicais e J. S. Ferreira é atento leitor do cotidiano em suas composições poéticas minimalistas.

Atualmente Mariana é destaque no cenário nacional e internacional de produção de poesia. Os poetas aldravistas Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, J. B. Donadon-Leal e J.S. Ferreira criaram a Aldravia, primeira forma de poesia genuinamente brasileira, que é produzida no Brasil, em países da América Latina e na Europa, especialmente Portugal, Espanha e França. A Aldravia propicia a inversão da lógica colonialista da importação, sendo exportada. Também rompe com a perversa lógica das commodities, que é exportação de matéria prima, como grãos, minério e petróleo bruto, para exportar produto finalizado, pura poesia. A poesia



**J. B. Donadon-Leal – Mariana – MG**  
Professor Emérito da UFOP. Doutor em Semiótica (USP). Pós-doutor em Semiótica (UFMG). Presidente da Comissão Editorial do Jornal Aldrava Cultural. Membro da ALACIB-MARIANA, Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes.

Do Douro ao Ganges, e do Tejo ao Istro,

As lusitanas glórias

Levarei o meu canto,

Se o pátrio Ribeirão me inspira tanto.

O orgulho de ser marianense entranhado na poesia dos que aqui vivem contagiou o cenário político que instituiu a Aldravia como patrimônio educacional, sendo estudada na rede escolar e comemorada em sua data de criação, dia 17 de setembro; e reconhecendo a Semana da Arte Aldravista como efeméride municipal.

Sem exagero: Mariana é cidade da Poesia!



**Aldravismo – 22 anos de poesia viva!**



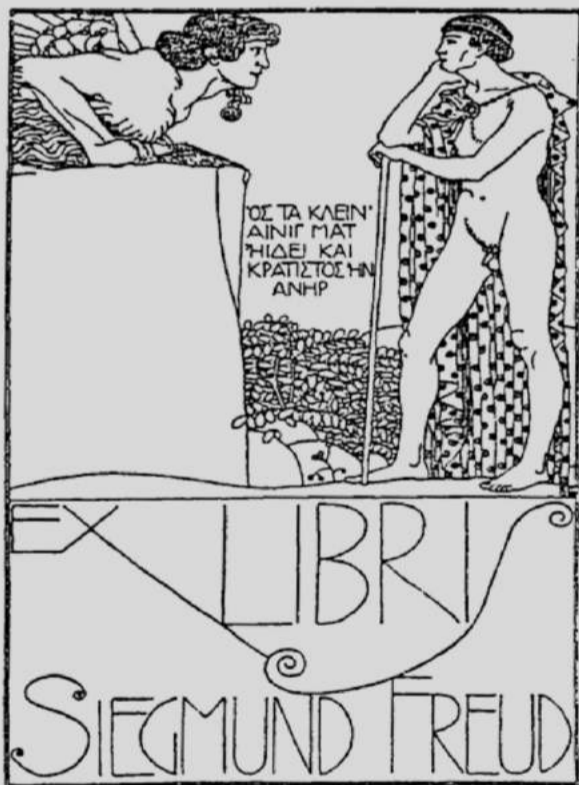
# ENSAIO - ALDRAVA

Rápidas pinceladas: o ex libris

Diz o adagiário popular que tamanho não é documento. Em muitas situações, tal ditado pode não proceder, da mesma maneira e na mesma medida que pode. De um jeito ou de outro, pego carona neste ditado para falar de um tipo de “objeto” muito interessante e, infelizmente, pouco divulgado nos dias que correm – em que pesem os anos de existência, a tradição e toda uma trajetória sócio-histórico-social que o respalda. Estou a falar de ex libris ou ex-libris ou ainda Ex-libris. Foro íntimo, prefiro (e adoto!) a primeira forma, por singela. Trata-se de um papelinho – como é que conhecido na terra de Camões – que identifica o proprietário de um livro. É uma espécie de marca de posse.

De acordo com a professora Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo, uma pesquisadora do assunto no Brasil, autora do importante livro-documento Ex-líbris – Pequeno objeto de desejo, não existe um inventor oficial de tais marcas. Alguns historiadores atestam a presença delas no século 15 em tabuletas egípcias, outros indicam seu surgimento na Mesopotâmia ou ainda nos preciosos códices medievais. A pesquisadora afirma, literalmente: “A história do ex-líbris acompanha a história do livro e a da gravura. Esse cunho artístico acaba despertando o desejo do colecionismo, transformando essas marcas numa forma independente de arte, fato contestado por exlibristas ortodoxos. Segundo eles, o ex-líbris nasceu agregado ao livro e não tem vida própria fora desse abrigo original”. Tal afirmação pode conter uma polêmica. Já é corrente a aceitação do ex libris como obra de arte autônoma. Isto porque os colecionadores acabaram por, indireta e inconscientemente, atribuir um valor extra ao referido papelinho. O ex libris, pata além da já tradicional “função” de marca de posse, passa a ser – e acredito continua sendo – cultuado como item de colecionadores e objeto de arte minimalista. Particularmente, considero (também!) o ex libris um “texto” a ser lido em sua própria semiótica.

Retomando o início desta conversa. O ex libris “aparece” no cenário cultural do Ocidente como uma espécie de selo de propriedade, a tal marca de posse. Nesta concepção, constitui-se de uma pequena ilustração, composta em papel, junto com a palavra ex libris e, mais tradicionalmente, com o nome do proprietário do(s) livro(s) aos quais o ex libris vai ser colado, como na ilustração abaixo:



Como se pode ver, o que foi dito acima procede. O ex libris de Freud traz seu nome, uma ilustração e umas palavras (estou na dúvida se escritas em alemão ou grego) que, acredito, remetem ao mito de Édipo, tão cara ao “pai” da Psicanálise. Como se trata de um reprodução, não sei as dimensões reais deste ex libris. No entanto, acredito que ele ilustra bem o que foi dito até aqui sobre este artefato estético.

Cumprе acrescentar que a produção de ex libris, tradicionalmente, se dá por meio de técnicas gráficas conhecidas: xilogravura, litogravura, linóleo e desenho. Com o advento dos recursos tecnológicos, atualmente, há outras possibilidades que, aos poucos, vão sendo assimiladas pelo universo, a cada dia mais vasto, do ex libris. Há quem produza os papelinhos utilizando desenho, pintura, aquarela, e até impressão off set. Obviamente, o caráter de marca de posse permanece em, todas as possibilidades. A assimilação das variantes técnicas, como citado, vai depender do contexto cultural em que o artefato seja produzido.



**José Luiz Foureaux de Souza Júnior**  
Contagem - MG

Professor Titular aposentado na UFOP. Graduado em Letras (PUC-MG), concluiu Mestrado em Teoria da Literatura (UnB) e Doutorado em Estudos Literários-Literatura Comparada (UFMG). Fez dois estágios de Pós-doutoramento: em Literatura Comparada (UFF) e em Literatura Portuguesa (Universidade de Coimbra).



# COLUNA DA **ALDRAVIA**

01  
baú  
aberto  
memória  
passada  
a  
limpo

(J.S.Ferreira - Itabira - MG)

02  
antes  
da  
aurora  
pânico  
de  
viver!

(Luiz Carlos Abritta -  
Belo Horizonte - MG (05/11/2012))

03  
nasce  
arrebol  
tão  
lento  
como  
caracol

(João Coelho dos Santos -  
Lisboa - Portugal )

04  
discórdia  
um  
pente  
para  
cabeças  
calvas

(Pedro Paulo Câmara -  
São Miguel - Açores)

05  
belo  
dorso  
rubro  
do  
sol:  
crepúsculo

(Beni Chauque - Niassa -  
Moçambique)

06  
luar  
indiscreto  
banhando  
meu  
corpo  
despido

(Cecy Barbosa Campos -  
Juiz de Fora - MG)

07  
nobre  
ou  
plebeu  
rico  
pobre  
eu

(Alberto Paco - Maringá - PR)

08  
outono  
boca  
do  
sol  
dourando  
Poesia

(Vilma Cunha Duarte -  
Araxá - MG)

09  
eu  
mar  
você  
ouriço-do-mar  
mar  
adentro

(Regina Coeli Nunes -  
Rio de Janeiro - RJ)





# poesias



## UM POEMA PARA SUA EMOÇÃO / 57

“Um poema que tenha sua raiz  
no princípio do prazer.”  
(Leila Miccolis)

## TERCETOS DE CELEBRAR Paschoal Motta – São Pedro dos Ferros – MG

no celebrar sua vinda,  
este poema de verde  
no clarear da manhã:

estas garças hieráticas,  
este mel de jataí,  
este cheirar primavera;

esta esperta borboleta,  
este brilhante de orvalho,  
este ouro do arco-íris;

este trinar de canário,  
esta brisa de montanha,  
esta sombra de mangueira;

esta sede na corrente  
esta gota na taioba,  
este silêncio de estrela;

este achego da varanda.  
esta rede de sonhar,  
esta sandália de pita;

esta cantiga em adágio  
para entoar o seu corpo  
nesta pauta de saudade.

(Pretextos Para um Livro de  
Poemas,  
em preparo)

**J.S.Ferreira – Itabira – MG**

01

Céu enevado  
e zoada de cigarras:  
prenúncio de chuva.

## Lendas do Mar Danilo Gomes – Brasília – DF

“Quanto menos El Rey  
espera,  
mais eu chego,  
noite alta, madrugada,  
manhã cedo,  
na nau catarineta da  
quimera.”

(Trecho do poema “Um  
fado cego”, de  
DonnePitalurgh)

Eis-me, em silêncio, diante  
do mar.

O marulho, os arrecifes,  
as gaivotas  
e essa brisa.

No horizonte, no distante  
horizonte,  
grandescavalos marinhos,  
monstrosmedievais,  
góticos unicórnios  
voadores,

o fantasma de Diogo Cão  
na luz noturna do fogo de  
Santelmo.

Enaus, galeões, caravelas,  
que chegam de Portugal, a  
mando d’ El Rey,  
para quem é pouco tanto  
mar,  
além do Cabo das  
Tormentas.

O que me traz aventura e  
fantasia,  
nesse vazio horizonte  
azulado,  
são lendas do mar-oceano,  
suas borrascas, temporais,  
naufrágios,  
para além da vida já vivida  
e para além da morte,  
que não tarda,  
com suas foices de aço  
toledano.

## Soneto às Redes Sociais Márcio Valadares Vasconcelos – Mariana – MG

Apenas, a duras penas,  
pego na pena  
Para traçar desalinhas de  
amargura.  
Pois no caos ressurgue vida  
tão serena  
E se faz amena em candura  
e bravura.

Sinto saudades de você, de  
tantos e até de mim  
Nesse mundo de amigos  
cada vez mais virtuais,  
Em que teclados e  
monitores substituem,  
enfim,  
Olhos fitando olhos - quase  
não existem mais.

E se sentir pena não deve  
ser o forte  
Onde compaixão em ação  
deve dominar  
Para reconstruir a amizade  
que balança ao vento,  
Busco, no flerte à vida, um  
novo norte  
A reinventar esse tal de  
verbo amar  
Na simples postagem de um  
fugaz momento



## Canto do Trovador

GABRIEL BICALHO - MARIANA - MG  
 DELEGADO DA UBT - SESSÃO: MARIANA - MG  
 EX-SECRETÁRIO GERAL DA UBT-NACIONAL.  
 MEMBRO DA ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS  
 E DA ALACIB-MARIANA. PRESIDENTE DA  
 ALDRAVA LETRAS E ARTES



Enquanto mais envelheço,  
 Mais jovem eu vou ficando:  
 A velhice tem bom preço,  
 Se morrer não sabe quando...  
 Hélio Petrus - Mariana - MG

Ser velho é uma riqueza,  
 Quando é grato o coração:  
 Pra enxergar a beleza  
 Depois do sol de verão...  
 Hélio Petrus - Mariana - MG

Se velho é ficar mais manso  
 À sombra da juventude  
 É gozar de um bom descanso,  
 Ficar longe do Ataúde.  
 Hélio Petrus - Mariana - MG

Vou transportar meu barquinho  
 pra longe deste lugar  
 e buscar um outro caminho  
 onde ele possa navegar!  
 Andreia Donadon Leal - Mariana - MG

Nem mais sinto que relaxo,  
 pois, entendo bem do ofício:  
 se a fêmea conduz o macho  
 para o altar de um sacrifício!  
 Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Se nossa trova diamante  
 não vale mais que safira,  
 a minha prova de amante,  
 rabisco em trova caipira!  
 Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Marianense e da Cultura,  
 Salve a nossa artesã, Dica:  
 bordadeira de alma pura,  
 que Deus cria e não fabrica!  
 Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Em Mariana, as bordadeiras,  
 com as mãos tão inefáveis,  
 bordam as fronhas mineiras,  
 aos sonhos mais agradáveis!  
 Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Pego as panelas de pedra,  
 ponho tempero, sem ânsia:  
 enquanto uma rosa medra,  
 preparo o prato da infância!  
 Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Sinto as saudades das roças,  
 nas horas das refeições:  
 panelas de pedra, em nossas  
 saudáveis recordações!  
 Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Vejo, em teu vestido branco,  
 teu corpo, d'alma tão pura,  
 que costuro, sonho e tranco  
 coração sem compostura!  
 Gabriel Bicalho - Mariana - MG

## Crônica

### No alto do telhado de casa, descansa um pássaro colorido



Andreia Donadon Leal - Mariana - MG  
 Graduada em Letras. Mestre em Literatura e  
 Doutoranda em Educação. Membro da ALACIB-  
 MARIANA e da Academia Marianense de Letras,  
 Ciências e Artes.

Canta feito barítono em dia de festejos (deixei de cantar há tempos). Levanta a cabeça e solta sua cantoria aguda. Estou na varanda de casa, observando o céu sem nuvens. Acho que medito. Deixo-me vagar, divagar. Nenhum pensamento me toca ou me possui, a não ser o vazio extremo. Desligo-me desse mundo conturbado, violento, enxertado de vaidades, de relações tóxicas e virulentas. Meu cão descansa sobre os meus pés. Cochila, acorda, olha-me, torna a dormir. Não pede nada, a não ser atenção, comida e água. É feliz em sua simplicidade. Amo meu cão e sua personalidade carente. Amo o pássaro que canta por motivos naturalmente naturais. Amo a cor do céu. Amo deixar o pensamento disperso, o corpo relaxado. Folha branca e caneta sobre a mesa. Continuo minha dispersão no céu de julho. Nenhuma ideia me motiva a alinhar imagens em palavras. Frio. Atividades intensas. 'Chega de excessos'. Alguém pondera. A vida é curta para ativismos. Urge amar mais, urge me conceder à preguiça! Descansar o corpo sobre a sombra de uma árvore e desligar o celular por uma semana, tem sido meta de sobrevivência. Ninguém é insubstituível. Quando a vida se despe do corpo, deixamos nossas tarefas para outros que desempenham o espólio de tarefas. Folha em branco, envelope branco, cabeça vazia. Aquele texto não vai brotar, está longe de vir à tona. Infertilidade salutar. A coluna da semana ficará em branco ou sem um texto bem encadeado. Um punhado de frases despedaçadas, sem rodeios poéticos. Não tenho olhos para relatar acontecimentos, nem há o que me toca a sensibilidade adormecida. Um assassinato aqui, outro ali. Brigas intensas por causa de política. Vivemos numa bolha de brigas pelo poder, pelo protagonismo, pelos egos e vaidades. A rodovia que passa ao largo de casa nunca parou um só dia, nem em dias de feriado ou domingo. Volto a mirar o céu. Som de música sertaneja. Vizinha em festa. Seriam os felizes aqueles que expressam alegrias em sons altíssimos? Somos criaturas do silêncio. Nossa voz é a poesia. Os alto-falantes são desnecessários para expressões de felicidade. A singeleza é irmã siamesa do lírico. Uma osga esbranquiçada vagueia pela parede. Meu cão levanta as orelhas. Observa. Volta a dormir. Nenhum interesse em correr atrás do pequeno réptil. Está meditando. Deixa de ser cão caçador, por um dia. Passo as mãos em seus pelos macios. Alguém espirra na rua. Para de andar, assoa o nariz. Que ruído desnecessário! Minhas mãos estão trêmulas. A fadiga, intensa. Tenho esquecido datas, nomes, números de telefones, aniversários, dados históricos. Não sei se é a menopausa ou sequelas de alguma comorbidade. Estou no modo 'avião'. Desligada, desatenada, desatenta e cansada. Sou pedaços do que fui. Sou luz, sombra, feliz, triste... Nem uma coisa nem outra. Escrevo algumas linhas de pensamentos sem intensidade ou aprofundamento. Acreditei ter nascido para viver algumas coisas que não vi. Nem ao fim nem ao cabo. Nasci com desejo de dar saltos simples, pouco além do chão. O chão me deu um pontapé. Nasci para ser mãe, mas minhas outras vontades destituíram-me da função. Nasci para estudar até o ensino médio, mas a vontade de ver além das cercanias, venceu. Nasci para obedecer e cumprir funções burocráticas, mas o espírito da rebeldia emergiu. E há tantas coisas mais, para as quais nasci, que não dou a mínima! Há, no entanto, coisas enraizadas em mim, feito as experiências claricianas: nascer para amar os outros, nascer para escrever, nascer para deixar vir à tona nossas criações. Nasci, é vero, com caos dentro de mim. Nasci para me defender, para honrar minhas crenças e para perdoar. Perdoar a mim e ao outro. Perdoar minhas limitações e fragilidades. Estas coisas merecem minha atenção. Aprender a amar as coisas sem importância, a simplicidade, a brevidade de tudo. Sei que a vida é curta demais para intensidades. Tudo é vento, finito, folha, canto breve de pássaro. Não posso perder-me nos excessos, nenhum excesso em nome de quaisquer causas, vale a pena. Se hoje é folha branca, infertilidade, que assim seja! Não se aprisiona possibilidade passarinho em gaiola. O pássaro levanta voo. O vizinho desliga o som. Meu cachorro sai de perto de mim. O sol sai de cena. Levantei-me da cadeira. Entrei. Coloquei água para ferver. Dizem que chá de erva-cidreira acalenta sonhos. Eu ainda não sei.



## 326 ANOS DA PRIMAZ DE MINAS

**Meu amor por ti, Mariana**  
**Andreia Donadon Leal**  
**Mariana – MG**

Tênue  
teu toque discreto  
Suave  
teu vento em meu rosto  
Acalento  
teu aconchego de mãe  
Belo  
teu sorriso de menina  
Abençoada  
tua fé inabalável  
Breves  
as batidas dos sinos  
Retumbantes  
as vibrações do teu coração  
Fortes  
tuas edificações barrocas  
Estupenda  
a beleza panorâmica da cidade  
Miragem  
do alto da igreja dos clérigos  
Cada olhar revela  
o meu amor por ti, Mariana!

**Mariana, minha Mariana**  
**J. B. Donadon-Leal**

Da Colina ao São Pedro  
Do Rosário às Cabanas  
Do retiro na Cartuxa  
Do repique dos sinos  
Da bateia no ribeirão  
Dos disformes pés-de-moleque  
Do seco chafariz  
Das orações nos seminários  
De Goiabeiras à Passagem  
De Mainart à Santa Rita  
Da Vargem a Cláudio Manuel  
Do Gualaxo do Sul ao do Norte  
Do Pico do Itacolomi ao Frazão  
Marianas dialogam com Marianas  
Mineradoras de pepitas e de  
ferrosos  
De poesias e de prosas  
De culturas tricentenárias  
No caminho das águas  
Entre vales e serras  
Mariana estende seu ventre  
De materno acolhimento



Tela do artista Elias Layon  
Flores para Mariana

### Em Mariana

**Hebe Rôla – Mariana – MG**

Em Mariana A ARTE esvoaça no dobre dos sinos canta nas bandas de música  
Nos conjuntos de seresteiros, nos corais pinta nos tetos dos templos e  
Esculpe as portas dos sacrários desenha nas fraldas das montanhas  
Borda nas minas e nos leitos dos rios fotografa na cachoeira  
Tece nos tapetes de pita e nas peneiras, esteiras de balaio de taquara  
Coreografa a arma nas contas-de-lágrimas de Nossa Senhora  
Batuca no Zé Pereira da Chácara louva no Congado da Barroca  
Garimpa e bateia nos filetes auríferos reza nas trezenas, nas novenas  
e no setenário das Dores

Poeta no seixo rolado das ruas e na Ponte de Tábuas cultiva e cultua o Seminário São José  
No Seminário Nossa senhora da Boa Morte no Colégio Providência  
No Noviciado Nossa Senhora do Carmo Planta na colheita do milho e do feijão  
Mói na mó pedra-sabão do moinho d'água Trota no trote da tropa e no assobio do tropeiro  
Promete, reverencia e agradece nos ex-votos e Monsenhor Horta  
Cria, fala, recria, vibra inventa, lamenta, reage e documenta a história do povo  
Que constrói as Gerais.



## FALANDO DE LIVROS, LEITURAS E LITERATURAS

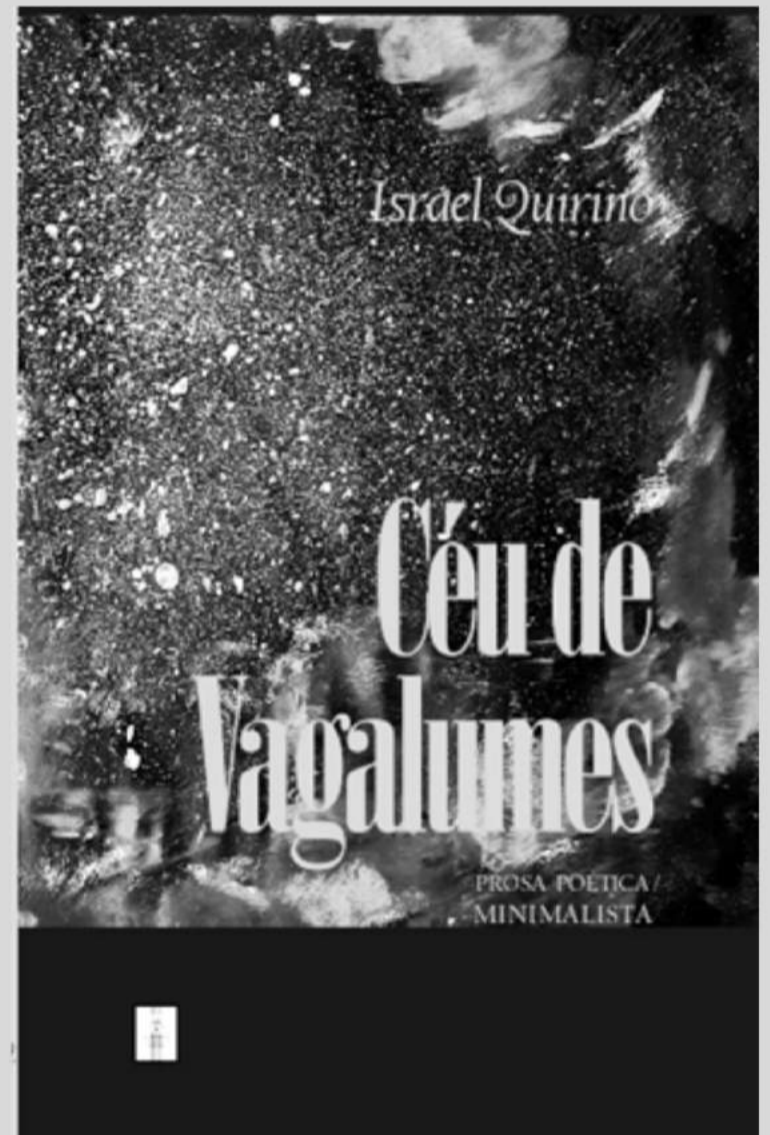
### Céu de Vagalumes – Israel Quirino

(...) Não é à toa que cada vez mais pessoas se “desconectam da vida”, já que não veem sentido nela ou no que fazem, pois de tanto serem prisioneiras da referencialidade crescente do mundo, do rol de emoções suscitadas a todo momento pelos inúmeros registros virtuais das vidas alheias, que nos afetam silenciosamente pela brutalidade da indiferença das cenas postadas de mortes, acidentes, abusos, violências, desprezos, linchamentos como se fossem todos de igual valor noticiaisco, e, por isso, no fundo, sem valor algum, já que a efemeridade e a fragmentação são suas marcas e acabam perdendo também o sentido de si. E o mundo, nu e cru, sem as provocações da arte, para reinterpretá-lo, sem o banho de esperança ou de catarse dos literatos, sem as delicadezas ou possibilidades dos olhares dos pintores, enfim, sem a percepção de outras nuances para além da informação, é realmente desalentador, trágico e inóspito. Cansa, estressa, desenraiza.

Por isso, sair deste torvelinho referencial e encontrar a sutileza impulsionadora de cada um dos 45 mini ou nanocontos presentes neste livro é nos deparar com o sonho, a reflexão, a crítica, a revolta, o riso, o romance, o carnaval, a ironia, a velhice, a fé, a vida privada, a morte, mas tudo isso, cuidadosamente encapsulado em metáforas e metonímias tão bem feitas, que nos preenche de histórias e de poesia ao mesmo tempo. Em “Céu de Vagalumes”, Israel Quirino conjuga, harmoniosamente, coisas sérias e coisas cômicas, narradas com tanta síntese, mas ao mesmo tempo, emaranhadas a tantos sentidos possíveis, que os textos, se no papel são sintéticos, em nossas mentes desenovelam-se em vários outros fios. Transcendem qualquer fato a que se relacionavam inicialmente e tornam-se atualizáveis com nossos contextos, atendendo a um dos maiores desafios dos contos: o de não serem enjaulados pelas circunstâncias. Desta forma, conseguem ser atemporais e suscitar inúmeras formas de apreciação e de reflexões.

Tais minicontos desobrigam-se inteligentemente das explicações, das informações e se entregam à imaginação, à poesia, à reflexão, aos jogos de palavras, aos efeitos de sentido tramados pelo baile das palavras, dos espaços e da pontuação cuidadosamente articulados. Uma releitura humanizada e humanizadora de várias cenas cotidianas ou oníricas, porém, repintadas pelo artista-autor no seu trabalho meticuloso com a linguagem, que fala antes aos sentidos, por isso, pode ecoar mais fundo em nós, sem a fugacidade e referencialidade a que estamos tão “treinados”. E convida-nos a nos deixar parar um pouco, percorrendo na sintética escrita, o longo caminho que temos perdido na vida cotidiana, rerepresentando-nos outros modos de sentir, menos indiferente às pessoas e ao mundo, menos conveniente, menos customizado, mais humanizado. Um mundo em que haja as sutilezas de se perceber “vagalumes brilhando nos olhos”, só para começar a caminhada. Boa leitura!

Magna Campos - Mestre em Letras, professora universitária e escritora.





# VISITA CULTURAL À CASA DA ARTE ALDRAVISTA



A Casa da Arte Aldravista recebeu nos dias 21, 22 e 23 de junho de 2022, 120 alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Dom Silvério, cuja professora responsável é a Doutoranda Beatriz Latini.

Além do bate-papo e explicações sobre livros, literatura e leitura, alunos e educadores tiveram o 'Encontro Marcado com Escritores e Artista', projeto da casa que visa movimentar o espaço cultural e de leitura em movimento.

A curadora da Casa da Arte Aldravista, Andreia Donadon Leal falou sobre o processo criativo contínuo dos autores do movimento de arte aldravista; apresentou todos os espaços da casa, além de doar livros do selo editorial da ALDRAVA, LETRAS E ARTES, para o acervo da biblioteca da escola.

Para o professor Dr. J.B.Donadon-Leal: 'as visitas agendadas à Casa da Arte Aldravista possibilitam o contato efetivo entre autor, educador e aluno, incentivando interesse pela leitura e pela criação textual.'

A professora Beatriz Latini trabalha com biografia e obra dos autores do Movimento de Arte Aldravista, especialmente a aldravia, poesia criada na cidade de Mariana-MG, no ano de 2010.



Alunos da E.E. Dom Silvério – Foto: Patrícia Jesus



Alunos da E.E. Dom Silvério – Foto: Patrícia Jesus



Alunos da E.E. Dom Silvério – Foto: Patrícia Jesus

## Diretoria da Aldrava Letras e Artes – 2021-2025

**Gabriel Bicalho**

Presidente e Membro da Comissão Editorial

**J.B.Donadon-Leal**

Vice-presidente e Chefe da Comissão Editorial

**José Sebastião Ferreira**

Membro da Comissão Editorial

**Andreia Donadon Leal**

Diretora de Projetos Culturais e Membro da Comissão Editorial

**José Luiz Foureaux de Souza Júnior**

Membro da Comissão Editorial

**Hebe Rôla**

Secretária Emérita

**Lázaro Francisco da Silva**

Membro da Comissão Editorial Vice-presidente – 2000 a 2003

Contato: deialeal@jornalaldrava.com.br  
Diagramação: Ailton Fernandes

**Realização:**



**Patrocínio:**

